

Secretário anuncia a contratação de 600 agentes de Vigilância Ambiental. E garante que os moradores do DF receberão orientação preventiva sobre a hantavirose

Campanha permanente

MARIA FERRI

DA EQUIPE DO CORREIO

A Secretaria de Saúde do Distrito Federal convocará na próxima semana 600 novos agentes de Vigilância Ambiental para trabalhar no combate à hantavirose e a outras doenças que também necessitam de controle por meio de medidas preventivas. Em entrevista ontem, o secretário Arnaldo Bernardino disse que a campanha para evitar novos casos de infecção pelo mal transmitido por roedores silvestres será permanente.

Na avaliação do governo, o surto de hantavirose — que matou 11 pessoas nos últimos 116 dias — está sob controle. Mas o trabalho de orientação dos moradores, principalmente das áreas rurais e peri-urbanas, precisa ser mantido para que os números não voltem a crescer. "Ficamos três semanas sem registrar nenhum caso. Mas se as pessoas não tomarem as medidas, novos casos podem surgir."

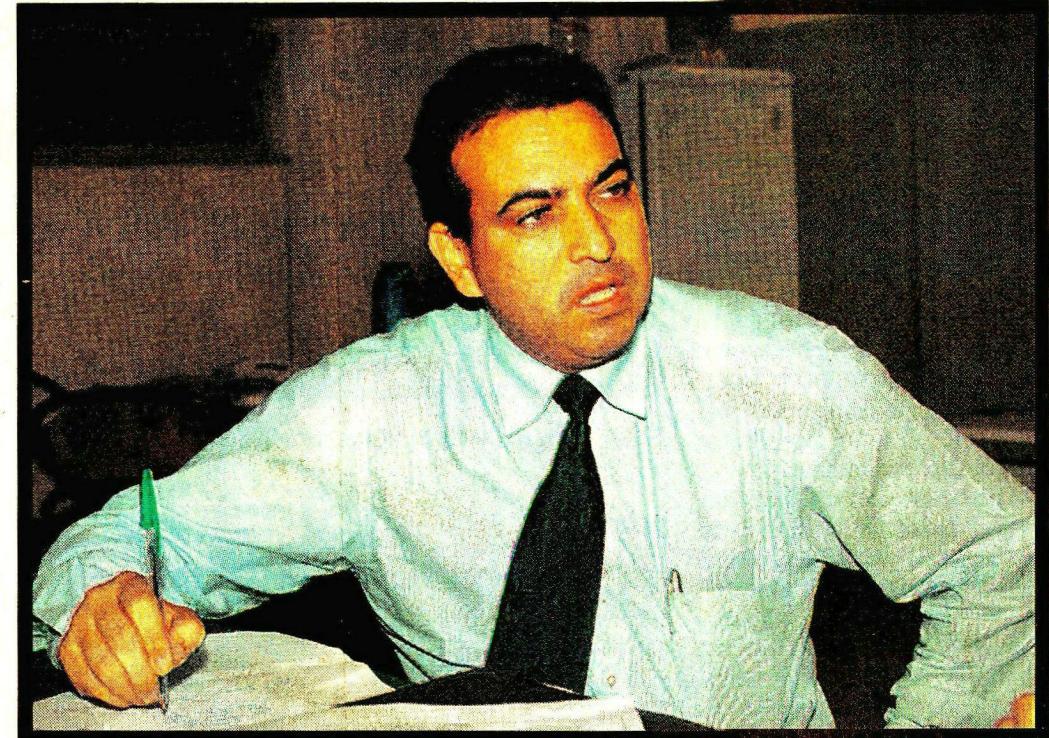
Bernardino também comentou a posição do DF no ranking das regiões mais atingidas pelo hantavírus em 2004. Um levantamento epidemiológico da Secretaria de Vigilância do Ministério da Saúde mostra que a capital federal perde apenas para Minas Gerais em número de casos confirmados. São 26 e 28 registros, respectivamente. No entanto, o DF lidera na quantidade de mortes: onze contra oito. "Não tenho como fazer uma avaliação em relação aos outros estados, porque não conheço o que motivou os surtos em outras regiões."

O primeiro caso de hantavirose no DF surgiu no dia 22 de maio, em São Sebastião, cidade que sofre maior surto, com 13 confirmações. Até agora, o DF contabilizou 26 casos da doença. Quinze pessoas conseguiram a cura.

Os registros foram em oito cidades: Ceilândia, Paranoá, Recanto das Emas, Sobradinho, Brazlândia, Planaltina, Gama, e São Sebastião, além do Lago Sul.

ENTREVISTA// ARNALDO BERNARDINO

Jefferson Rudy/CB/ 4.6.04



CORREIO BRAZILIENSE — Qual a avaliação destes quase quatro meses de surto de hantavirose no Distrito Federal?

ARNALDO BERNARDINO — Nossa análise é que o surto está na cauda, ou seja, atingiu seu pico entre junho e julho e está acalmando e já caminhando para o fim. Há três semanas não havia confirmações. E este caso comprovado por exames esta semana é de uma mulher que morreu no dia 26 de agosto.

CORREIO — Isso significa que a situação está sob controle e não haverá novos casos?

BERNARDINO — Sob controle está. Mas não dá para dizer que não serão confirmados novos casos. Depende da população. Depende de uma atitude individual. Estamos disponibilizando os meios, com campanhas e orientações, para que as pessoas saibam como se prevenir e evitar a contaminação.

CORREIO — Então não está descartado um novo surto? O DF está preparado para enfrentá-lo?

BERNARDINO — A hantavirose é uma doença que não tem controle senão por meio da prevenção. Nossos técnicos estão preparados e a campanha educativa entrará no calendário de prevenção de forma permanente, que inclui outras endemias como a dengue e a leishmaniose. Na semana que vem, convocaremos 600 novos agentes de Vigilância Ambiental para atuar no combate da hantavirose.

Serão treinados também para

BERNARDINO DIZ ESTAR PREOCUPADO AGORA É COM A DENGUE, MAS SEM ESQUECER DA HANTAVIROSE

prevenir outras doenças, como a dengue que, com as chuvas se aproximando, começa a preocupar.

CORREIO — O foco da secretaria será agora o combate à dengue?

BERNARDINO — Não. Estaremos preocupados com a dengue, mas não abandonaremos a hantavirose.

CORREIO — Como na avaliação da secretaria o surto está no fim, pode-se dizer que a situação está tranquila?

BERNARDINO — Sofremos uma turbulência nos meses de maio e junho porque a doença ainda era desconhecida, emergente. A partir de agora a saúde

pública está preparada. A impressão é de uma situação mais tranquila. Mas a nossa preocupação continua a mesma.

CORREIO — Nem a posição do DF, em segundo lugar no ranking de regiões mais atingidas pelo hantavírus em 2004, causa desconforto?

BERNARDINO — Não tenho como fazer uma avaliação em relação aos outros estados, em especial Minas Gerais, que está em primeiro lugar, porque não conheço o que motivou os surtos em outras regiões. O que poderia comparar seria um surto do DF comparado a um surto anterior no DF, para saber o que provocou cada um. Qualquer coisa que eu disser é

especulação. Estamos ainda estudando o que provocou esse primeiro surto.

CORREIO — Alguns parlamentares dizem sentir falta de um trabalho de prevenção intensivo nas áreas peri-urbanas. Para a secretaria a zona de maior risco continua sendo a rural?

BERNARDINO — Sempre falamos e divulgamos que o risco está também nas áreas peri-urbanas. Por exemplo, todos os condomínios foram visitados pelo Corpo de Bombeiros. E continuamos monitorando o que acontece nessas áreas. Mas o Estado não pode ser responsável por atitudes individuais.